

# **VIOLÊNCIA E SEGREGAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DOS ESTIGMAS SOCIAIS EM UMA PERIFERIA DA PERIFERIA: O ESTUDO DE CASO DO JARDIM PROGRESSO, NATAL/RN.**

**SILVA, Caio Cezar Gabriel<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

O Bairro Nossa Senhora da Apresentação surgiu na década de 1970, onde seu escopo de origem esta diretamente atrelada as políticas habitacionais empreendidas durante o Regime Militar Brasileiro (1964 - 1985), que por sua vez foram financiadas via instituições públicas de provimento da casa própria, como a Companhia da Habitação (COHAB), subordinada ao Banco Nacional de Habitação (BNH). Partindo dessa contextualização da análise, o Nossa Senhora da Apresentação é considerado um bairro periférico, situado na região administrativa Norte da cidade, onde possui consideráveis extensões territoriais e demográficas, sendo o maior da capital Natal e de sua Região Metropolitana, assim como também é um espaço urbano que concentra sérios contrastes sociais, econômicos e estruturais que passam a ser externados através de problemas locais, como o da violência, uma vez que o bairro estatisticamente ocupa a liderança nas taxas de homicídios da capital. Portanto, o seguinte trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de produção das disparidades internas do bairro Nossa Senhora no que tange a sua formação sócio-espacial, tomando como estudo de caso o loteamento irregular (Jardim Progresso) A análise especifica dessa localidade leva-nos a conclusões de que o bairro apresenta aspectos claros de fragmentação do tecido social e espacial a partir da formação de espaços de pobreza e elitização no seu interior, assim evidenciando que estamos diante de uma periferia urbana com nova roupagem.

**PALAVRAS CHAVES:** Segregação Socio-Espacial, Periferia e Violência.

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Gestão Pública da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Licenciado em História e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais, ambos pela UFRN. Também é graduando do curso de Direito/Bacharelado pela UERN, bem como é especializando em Ciências Criminais pela PUC-Minas. Tem considerável experiência na área da docência superior, passando por instituições públicas e privadas de ensino. Atualmente tem suas pesquisas e produções afins voltadas para a grande área das Ciências Sociais, Direito e História, especialmente assuntos ligados a violência, pobreza, segregação e periferias. É membro associado da ANDHEP.

## **SUMMARY:**

The District Our Lady of the Presentation emerged in the 1970s, where its scope of origin is directly linked to housing policies undertaken during the Brazilian military regime (1964-1985), which in turn were financed through public institutions of provision of home ownership, as the Housing Company (COHAB), under the National Housing Bank (BNH). From this contextualization of the analysis, the Our Lady of the Presentation is considered a suburb, located in the administrative region north of the city, where it has considerable territorial and demographic extensions, the biggest being the capital of Christmas and its metropolitan region, and is also an urban space that concentrates serious social, economic and structural contrasts that become externalized through local problems such as violence, since statistically the neighborhood is the leader in homicide rates of the capital. Therefore, the following work has as its main objective to analyze the production process of internal disparities in the neighborhood Our Lady of the Presentation regarding their socio-spatial formation, taking as a case study the irregular allotment (Garden Progress). The analysis specifies that the locality will take in the conclusions of the district shows clear signs of fragmentation of the social and spatial fabric from the formation of spaces of poverty and gentrification inside, thus showing that we are facing an urban periphery with a new guise.

Key Words: Socio-Spatial Segregation, Violence and periphery

## **INTRODUÇÃO**

O seguinte trabalho trás como objeto de análise o loteamento Jardim Progresso, situado no Bairro Nossa Senhora da Apresentação, região administrativa Norte da cidade Natal, estado do Rio Grande do Norte. Para tanto, é importante ressaltar que o bairro historicamente teve seu escopo de origem atrelado as políticas habitacionais empreendidas durante o Regime Militar Brasileiro durante a década de 1970, que por sua vez foram financiadas via instituições públicas de provimento da casa própria, como a Companhia da Habitação (COHAB), subordinada ao Banco Nacional de Habitação (BNH).<sup>2</sup>

O Nossa Senhora da Apresentação é considerado uma periferia aos moldes tradicionais da análise do espaço urbano, que entre tantas peculiaridades, este se destaca pelas consideráveis extensões territoriais e demográficas, sendo apontado estatisticamente, nesses aspectos, como o maior bairro da capital e de sua Região Metropolitana. Em virtude do crescimento da malha urbana desordenada (entre conjuntos habitacionais de médio porte que agrega uma classe média do bairro, loteamentos irregulares e assentamentos precários que concentram as populações mais pobres), bem como o aumento substancial de sua população experimentado nos últimos 10 anos em descompasso com a atenção do poder público e a fragilidade do desenrolar de políticas sociais setorializadas, o bairro apresenta severos contrastes sociais, econômicos e estruturais internos, como uma espécie de cópia das desigualdades estruturais e sociais do macro espaço da cidade. Somado a tantos outros dilemas, esses problemas passam a mostrar a sua face mais nua através de convulsões sociais locais, como o da violência, uma vez que o bairro vem concentrando as maiores taxas de homicídios da cidade nos últimos anos.

Apresentado uma diversidade complexa da constituição sócio-espacial do bairro, esse artigo traz como estudo de caso uma localidade específicas no seio da comunidade: o loteamento irregular Jardim Progresso. Em pauta de explanação, o Jardim Progresso é um espaço que concentra os piores indicadores sociais do bairro, relegando a sua condição de “periferia da periferia”, ou seja, além de problemas de

---

<sup>2</sup> O autor trabalhou a formação do tecido sócio-espacial do bairro de modo mais detalhado em um outro artigo: **As contradições socioespaciais internas de uma periferia urbana: o estudo de caso do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN**, apresentado em julho de 2013 no XXVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, em Natal-RN. Na Integra: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364955078\\_ARQUIVO\\_ARTIGOPARAANPUH-NATAL2013-Corrigido.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364955078_ARQUIVO_ARTIGOPARAANPUH-NATAL2013-Corrigido.pdf)

ordem estrutural, atentamos o mais absoluto desrespeito indiscriminado ao que fora previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, especialmente aquilo que fora considerado como núcleo básico dos Direitos Fundamentais a pessoa humana, como o Direito a Vida (III e VI), a igualdade (I, II e VII), a justiça (VIII, X, XI e XXVIII) a segurança (V, XII, XIV, XXII, XXIX e XXX), a propriedade (XVII), a saúde (XXV), a educação (XXVI) e a cidadania (XV e XXI), muitos destes que desaguam em Direitos Sociais, que em meio a Constituição de 1988 é posto como Direitos Positivos, ou seja, uma prestação obrigacional a ser tutelada pelo Estado.

Ainda, vale ressaltar que esse estudo traz a luz de análise os impactos diretos, mas não vistos a um olhar subjetivista, ocasionados pela desagregação jurídico-política do Estado para a com a comunidade Jardim Progresso, entre eles a reprodução dos estigmas sociais que tão comumente são presentes aos olhares de quem ver o bairro de fora para dentro, porém, no caso em voga essas reproduções recaem sob um prisma local, onde moradores dos conjuntos habitacionais vizinhos, ou loteamentos melhorados, relegam ao Jardim a visão de pobreza, crime e violência.

Portanto, a nível de metodologia, optamos por traçar o conjunto habitacional Parque dos Coqueiros (que agrega boa parte da classe média do bairro), e o loteamento Vale Dourado (já foi loteamento irregular, mas que hoje passa por um constante processo de valorização imobiliária e readequação urbana) como espaços de abordagem comparativa entre o Jardim Progresso, para assim analisar como as percepções dos moradores dessas localidades tão distintas em um único bairro constitui a imagem do espaço de vivência e quais são os impactos diretos desses diversos olhares. Não obstante, é ímpar levar em consideração que essas tramas de construção de estigmas sociais alavancados sob as variáveis da violência e da segregação sócio-espacial acabam também por serem reproduzidas no seio do próprio Jardim Progresso, o que acaba por relega-la ainda mais a sua situação “marginal” do bairro, bem como também vem a somar no processo de fragmentação do tecido social e espacial e na fomentação de espaços excluídos e exclusivos

Também vale destacar que a nível de empreendimento metodológico do estudo, a entrevista dos principais atores sociais do bairro, como lideranças comunitárias, presidentes de associações de moradores, grupos de jovens e tantos outros, se mostrou como uma ferramenta de fundamental importância metodológica, claro, aliada as análises de fontes primárias, como dados estatísticos e informações oficiais das principais instituições de prestação de serviços públicos, como a Secretária

de Segurança Pública e Defesa Social, Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente e as Secretarias de Habitação. Daí, o método da *triangulação* se mostrou como o norteador de toda a pesquisa.<sup>3</sup>

## **1. SEGREGAÇÃO, PERCEPÇÕES E DIREITOS HUMANOS: A COMPLEXIDADE DO BAIRRO NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO.**

A concepção do conceito de segregação para os moradores do Bairro Nossa Senhora da Apresentação está impregnada de elementos tocantes à questão de infraestrutura urbana local e as relações cotidianas entre Estado e comunidade. De certa maneira, há um padrão nos relatos quanto aos aspectos da presença concreta e simbólica dos setores públicos na região, e a partir dessa base, auferimos que caracterização da segregação, para a população local, não se dá especialmente pela disposição espacial do bairro em relação ao restante da cidade, e sim pela presença de sublocalidades no seio do próprio, ou seja, pequenos bairros dentro de outros.

Parece-nos que as barreiras impostas pelo processo de segregação e enfrentadas no cotidiano de quem reside em determinadas localidades do Nossa Senhora da Apresentação não é somente atribuída ao fato de morar na Zona Norte de Natal, pois na compreensão dos moradores, essa zona administrativa já nem se parece mais com aquela Zona Norte cuja fundação está atrelada às políticas habitacionais das décadas de 1970, nem tão pouco se constitui mais como “o local preferido para relocação de favelas, retirado de áreas centrais”. (SILVA, 2003, p. 110).

Esse trabalho observou, a partir do exame das narrativas dos personagens que compõem o cenário urbano do bairro, que as mudanças nas estruturas sociais e econômicas pelas quais a Zona Norte passa nos últimos anos são derivadas exclusivamente de três fatores: a) mudanças no poder aquisitivo de sua população; b) crescimento do setor terciário e c) chegada de serviços que até então eram exclusividade do Centro ou Zona Sul da cidade, como shoppings centers, lojas de franquias famosas e condomínios residenciais.<sup>4</sup> Salienta-se que muitos moradores não têm acesso direto ao consumo desses bens, porém constroem o ideal de prosperidade coletiva baseando-se

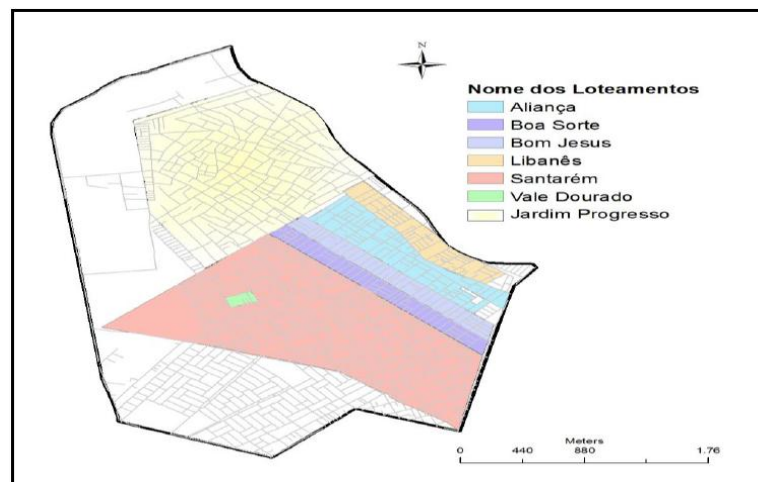
---

<sup>3</sup> Para ler a respeito da metodologia empreendida no estudo, bem como acesso a pesquisa completa: **A confluência dos olhares: compreendendo o bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN – a partir da percepção popular da segregação e da violência** / Caio César Gabriel e Silva. – 2012. 264 f.

<sup>4</sup> Para ler mais a respeito dos dados e taxas de crescimento da Zona Norte de Natal, ler a pesquisa completa: **A confluência dos olhares: compreendendo o bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN – a partir da percepção popular da segregação e da violência** / Caio César Gabriel e Silva. – 2012. 264 f.

em uma perspectiva econômica, ou seja, há uma ideia majoritária entre a comunidade de que a crescente chegada de investimentos de capital privado (especialmente imobiliários e comerciais) na Zona Norte é um fator primordial para apagar a imagem de zona periférica. Mesmo que essa prosperidade carregue consigo traços de um consumismo e individualismo exacerbado que substanciam as desigualdades intraurbanas, notamos que há sempre a esperança de que os respingos desse progresso recaiam sobre o bairro na forma de investimentos públicos, derivados da valorização mercantil e política da região, assim afastando-se o fantasma da segregação.<sup>5</sup>

O resultado lógico dessa mudança torna-se explícito quando a ideia de segregação, e também da exclusão, ganham um aspecto mais localizado e cada vez menos globalizado. Não seria exagero se víssemos uma *setorialização* do bairro Nossa Senhora da Apresentação, e aqui é indispensável pensar em verdadeiras microsegregações, onde conjuntos e loteamentos ali existentes se diferenciam bruscamente um dos outros no que tange não só a sua composição socioeconômica, mas também a malha estrutural urbana.



Fonte: Medeiros 2012. Base Cartográfica da SEMURB. Adaptação de Medeiros, 2012<sup>75</sup>.

Nota-se o quanto o bairro é segmentado no que se refere a questão da ocupação do solo. No entanto vemos a predominância da loteação do espaço, o que se reflete diretamente na condição de vida de seus moradores, uma vez que os loteamentos são representados como espaços da pobreza devido ao seu fácil acesso por parte das camadas mais pobres do bairro, seja ela por meio da invasão ou por meio da compra abaixo do preço.

---

<sup>5</sup>Para Coutinho (2000) essa valorização política do bairro consiste na “capacidade conquistada por alguns indivíduos, ou por todos, de se apropriarem dos bens socialmente criados, de atualizarem todas as potencialidades de realização humana abertas pela vida social em cada contexto historicamente determinado.”

Porém aqui é fundamental levar em consideração duas importantes ressalvas: a primeira diz respeito à caracterização do fenômeno da segregação no interior do bairro. Quando ressaltamos que há uma complexidade socioeconômica interna, isso não significa afirmar unicamente que a segregação se dá aos moldes das desigualdades macroestruturais conceituada por Vetter e Massena (1981)<sup>6</sup>, ou seja, os autores traz a tona a teoria do *processo de causação circular*, segundo qual a segregação nada mais seria do que o fenômeno resultante da “pressão de segmentos políticos e econômicos sobre o Estado de modo a promover uma distribuição desigual dos investimentos em infraestrutura”. (VILLAÇA, 2001, p. 151).

Na verdade, o que há no bairro não é uma alocação exclusiva dos investimentos de infraestrutura a determinados locais por pressões de grupos políticos e econômicos influentes, mas sim a existência de uma enorme variedade de contextos em que se deram a formação das diversas localidades do Nossa Senhora, com processos específicos de formação e ocupação da terra, como por exemplo: o conjunto Parque dos Coqueiros se formou no arcabouço das políticas habitacionais da década de 1980, e tinha como alvo uma classe média formada por servidores públicos e aposentados das forças armadas, o que difere radicalmente do processo de formação do Jardim Progresso, que se deu por via invasão e ocupação clandestina de terras nos meados da década de 1990.

Nessa perspectiva de análise podemos afirmar que o Jardim Progresso é formado em grande parte por migrantes do interior do estado do Rio Grande do Norte que chegaram a capital em busca de melhorias de vida, especialmente no que tange acesso a serviços públicos essenciais e emprego formal. Sendo assim, nesse trabalho, o que se entende por micro-segregação, se restringe a formação de segregações dentro de espaços já segregados, cujo fenômeno não é fundamentado apenas por uma bipolaridade entre ricos e pobres que encarniçam uma luta pelo espaço, e sim por variados atores que segregam e são segregados por causas diversas, entre elas o medo da violência localizada e a formação de estigmas sociais.

Na segunda ressalva, vale externar que a segregação, entendida como um fenômeno predominantemente urbano, que leva em conta as relações entre o espaço e as classes, não pode ser compreendido unicamente como processos socialmente coletivos sem levar em consideração a atuação do indivíduo no processo de remodelação

---

<sup>6</sup>Apud VILLAÇA, 2001

constante dos ambientes urbanos. Caso analisássemos a questão da segregação, que é de fins importantes para o presente trabalho, sob uma única e exclusiva perspectiva, a mais globalizada e coletivizada, correríamos um sério risco de negar a existência de outras forças sociais que incidem diretamente sobre a constituição do espaço, inclusive levando-nos a cair em uma arriscada armadilha de análise subjetivista.

Assim, aplicando os mecanismos disponíveis para o teste da hipótese inicial que fora levantado na pesquisa no Vale Dourado e do Parque dos Coqueiros, chegamos a uma conclusão parcial do trabalho de que a segregação, para a percepção popular dessa porção do bairro, é a força motriz do desencadeamento da violência, como já visto no subitem anterior. Porém, ao contrário do que ocorre no processo de constituição da ideia de segregação, a violência é habitada no imaginário da comunidade sob diversos ângulos, onde as experiências cotidianas intensificam ou enfraquecem esses relatos<sup>7</sup> e acaba se dando tons diferentes aos espaços do bairro, pois basta lembrar o formato de *funil*<sup>8</sup> que propomos quando traçamos as narrativas da violência no espaço.

## **2. JARDIM PROGRESSO: O ESPELHO DOS ESTIGMAS SOCIAIS.**

Nesse quesito é importante atentar algumas premissas para podermos analisar mais especificamente o loteamento Jardim Progresso. Para isso, é importante lembrar que esse estudo partiu da hipótese de que o bairro era muito complexo sócio-espacialmente para o generalizarmos como uma grande periferia homogênea, e consequentemente com percepções únicas a cerca do fenômeno da segregação e da violência. A par dessa afirmação temos que percepção sobre o fenômeno da violência: pelos moradores do Vale Dourado e do Parque dos Coqueiros passa longe de ser compreendida por meio da realidade sócio-espacial daquelas localidades, ou seja, a violência não é abordada, ou sentida, enquanto reflexo de fenômenos sociais, e sim como um mero efeito da pobreza de loteamentos irregulares vizinhos. Não obstante no decorrer da coleta e análise das entrevistas com os atores sociais do Parque e do Vale, a frase o “crime migra”, além de fala padrão, sempre fazia alusão a idéia de que reformas

---

<sup>7</sup> Quando nos reportamos às experiências cotidianas, falamos basicamente sobre as relações diárias entre os moradores da vizinhança e seus respectivos laços de afetividade e solidariedade entre si. No decorrer da pesquisa de campo, observamos que a intensidade das narrativas de violência se intensificava, ou amenizavam, de acordo com o nível de efetividade de laço entre o morador e a comunidade.

<sup>8</sup> O “Funil das Percepções” fora um conceito dado a variação de intensidade das percepções dos moradores sobre a violência, onde elas são amenas quando construídas pelos moradores do Parque dos Coqueiros, ganham corpo no Vale Dourado e se tornam substanciaosas e intensas do Jardim Progresso.



de infra-estrutura urbana seria um elemento chave para “empurrar” grupos e pessoas indesejáveis ao ambiente para espaços longínquos do bairro.

Diferente do Vale Dourado e do Parque dos Coqueiros, no loteamento Jardim Progresso as percepções da violência e da segregação ganham um tom localizado, dessa maneira os problemas oriundos dessas duas variáveis não é exportada pelos “invasores”, ou ao “povo lá de baixo”, e sim aos próprios moradores dali, ao passo que tornam-se agentes ativos e passivos dela.

Porém é válido externar que essas concepções são inconstantes, pois hora esses discursos ganham tons mais amenos quando se tem a idéia de que há locais específicos do crime e da violência. Já em outros momentos, a violência recebe um teor indescritivelmente sumoso, forte e bastante presente. Essa variação de olhares ocorre devido à presença de duas variáveis: *tempo e espaço*.

No que cerne a questão espacial, a Avenida Industrial ganha um papel importante em meio a constituição dessas narrativas, pois ela se constitui basicamente como a centralidade econômica e social do loteamento, e serve como um imenso divisor de águas no processo de fomentação da imagem do loteamento. Partindo dessa fronteira física, a imagem de um lugar violento vai sendo tecida como uma imagem difusa e desconexa, e aos poucos mostram o quanto a rua representa uma barreira física e simbólica de interação social, onde o fato de residir em um dos lados da margem da avenida pode ser traduzida como um fator primordial para a construção da personalidade individual de seus moradores. Desse modo, a Avenida Industrial pode ser compreendida como uma fronteira aos termos de Charles Tilly (2005), cuja barreira física e social separa o “eu” do “eles”, e ao mesmo tempo suspende, abrange ou fabricam segregações sociais e espaciais, ou como bem ressalta Fredrik Barth (2000): as fronteiras são espaços que dividem e fragmenta unidades que se reconhecem como distintas.<sup>9</sup>

Sendo assim, na direção Norte-Sul da avenida, o lado direito representa a porção em que reside uma pequena *elite* se comparada aos padrões socioeconômicos dos moradores do Jardim Progresso. A Avenida Industrial divide loteamento em dois grandes lados: o lado direito é caracterizado como a porção “nova” do Jardim devido ao recente processo de melhorias urbanas que vem passando, como a chegada de calçamento, iluminação pública e coleta de lixo presenciada nos últimos 5 (cinco) anos.

---

<sup>9</sup> Esse conceito de fronteira foi analisado a partir do estudo de Saint-Martin; Rocha & Heredia (2008) sobre a construção de fronteiras sociais na França.

De fato, a observação de campo constatou que essa porção do loteamento é uma representação distinta dos espaços de pobreza no bairro, o que aguça o sentimento de *microelitização* de seus moradores.

Já a margem esquerda dessa rua central é formada por um bolsão de pobreza estrutural, onde ruas de areia, palafitas, lixos acumulados e tantos outros problemas fazem parte de seu cenário. Ali, o espaço se constitui como ponto de disputa jurisdicional entre a prefeitura municipal de Natal e de Extremoz, onde a sua condição limítrofe gera o impasse acerca da responsabilidade pública de provimento de serviços básicos à comunidade.<sup>10</sup> Nessa porção se encontram as localidades mais pobres de todo o bairro e do próprio Jardim Progresso, como o assentamento Djalma Maranhão, formado em boa parte por antigos membros de movimentos Sem-Tetos que já chegaram nas últimas levas migratórias.<sup>11</sup>

Na margem direita da Avenida Industrial, essa noção de diferenciação é representada especialmente pelo padrão de moradias, algumas de médio porte, que não muito raro são verdadeiras fortalezas do medo, onde casas protegidas por parafernálias tecnológicas de segurança como cercas elétricas, muros altos, câmeras de segurança e portões elétricos contrastam com o cenário do outro lado da rua.



Exemplo tácito de segregação no interior de uma comunidade já segregada no bairro Nossa Senhora da Apresentação. No Jardim Progresso, os padrões de moradia são completamente distintos e separados por barreiras físicas ou simbólicas, mas coexistindo no mesmo loteamento. Na primeira imagem, situada a margem direita da Avenida Industrial (fronteira física), sub-localização onde se dispõe de uma relativa melhoria de condições de infraestrutura e os relatos da violência local são fragmentados e dispersos. No lado oposto da avenida central, as condições de vidas dos moradores são mais difíceis e acentuadas pela ausência de maior efetividade dos setores públicos. **Fonte: campo de pesquisa, novembro de 2011.**

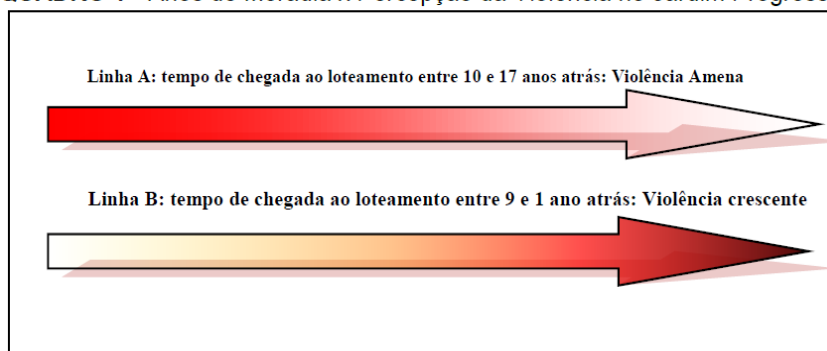
<sup>10</sup> Essa afirmativa não foi constatada em nenhum documento primário, mas sim por meio das entrevistas com os moradores da margem esquerda. Todos eles relataram que o argumento da disputa jurídica era proveniente da fala dos técnicos do município de Natal quando visitavam o loteamento.

<sup>11</sup> Até o ano de 2011, o Movimento de caráter nacional, e com núcleo organizacional em Natal, denominado Luta nos Bairros e Favelas (MLB), por meio de mobilizações, havia conseguido junto ao governo do estado e a prefeitura municipal de Natal a construção de 130 unidades habitacionais no Jardim Progresso.

Já no que tange a variável *tempo*, nos restringimos a levar em consideração os anos que o indivíduo reside no bairro, pois esse lapso temporal de moradia é fundamental para o processo de ordenamento do desenho do bairro, pois como fora atentado por Laub (1992)<sup>12</sup> as concepções são difundidas por meio de narrativas, e a narração, por sua vez, “doa um tempo e um lugar, uma seqüência e uma causalidade às reminiscências, e a ela atribuem um início e um final; um antes, um durante e um depois”(LAUB, 1992, p.69).

Sendo assim, para ilustrar essa relação entre espaço, tempo e percepções, traçamos uma linha temporal sendo assim obtivemos duas formas de setas, que mudam de tonalidade respectivamente:

**QUADRO 1 - Anos de Moradia x Percepção da Violência no Jardim Progresso**



Fonte: Próprio Autor. Elaboração através dos dados coletados nas entrevistas.

A *linha A* representa a percepção dos moradores cujo tempo de chegada ao loteamento nos remetemos entre 10 (dez) e 15 (quinze) anos atrás. Essa fase corresponde ao período das primeiras invasões, que nos remete a 1995, quando populações formadas por migrantes pobres e filhos dos primeiros moradores do Nossa senhora da Apresentação, cercaram lotes de terras e construíram moradias absolutamente precárias e improvisadas, no qual a “ação individual, de cada família em ocupar e construir sua moradia determinou a configuração espacial resultante: ruas estreitas, quadras pequenas e densas (e também quadras grandes e pouco habitadas)”. (SILVA, NETO & BASTOS, 2004, p. 12).

<sup>12</sup> 121 *Apud* FROCHTENGARTEN, 2005.

Foi nessa primeira onda de invasões que chegaram moradores como D. Nena<sup>13</sup>, que oriunda de outros vários assentamentos precários, viu na onda de ocupações a oportunidade de fixar raízes e constituir um lar:

Nos tempos que chegamos aqui não tinha nada, não tinha casas. Quando chegamos era só barracos, porque na época nós vivíamos assentados lá perto da *vicunha*<sup>14</sup>. Depois da vicunha fomos morar lá embaixo, perto do *novo gás*<sup>15</sup>, e ficamos lá por mais 6 meses. Aí na época expulsaram a gente de lá. Decidimos fazer protestos. Aí Garibaldi<sup>16</sup> foi e disse que a gente poderia ocupar aqui. Mas pedimos a presença da televisão e da polícia, porque a confusão aqui foi grande, porque os antigos donos não queriam sair. **(Dona de Casa, 39 anos. Há 15 anos mora no bairro. Jardim Progresso)**

Dona Nena reside à margem esquerda da Avenida Industrial. As condições de moradia ainda são bastante precárias, bem como a ausência de serviços públicos essenciais ainda se fazem presentes. No entanto nas recordações de Dona Nena o passado sempre dialoga com os seus discursos do cotidiano presente, onde essas falas comparativas distinguem os tempos de chegada ao loteamento, que é marcado pela ausência total de quaisquer formas de garantias de dignidade humana, e os dias de hoje.

Nota-se como a entrevistada vai constituindo uma trama sequencial de sua vida no loteamento, uma trajetória que se inicia com o nomadismo miserável, a perda das moradias em outros assentamentos ilegais, a chegada ao Jardim Progresso, as primeiras dificuldades de improvisação de um “barraco” para depois, vir a casa de alvenaria. As modificações pontuais na paisagem e na infra-estrutura do loteamento vão dando sentido ao lugar e a sua forma de olhar sobre o loteamento. Vemos como essa linha histórica da moradora mostra bem como o espaço foi se moldando no decorrer dos últimos anos, com avanços e estagnações no sentido de investimentos públicos. Essa linha de tempo e a maneira como a dona de casa edifica a imagem da comunidade é primordial para observarmos como a violência é tecida no espaço:

---

<sup>13</sup> Todos os entrevistados no estudo ganharam nomes fictícios para a proteção de suas identidades, uma vez que em meio aos depoimentos sempre houve o receio de retaliações ou vinganças privadas por parte de atores sociais envolvidos no “mundo do crime”.

<sup>14</sup> A entrevistada refere-se a um grupo de *sem-teto* que ocupou durante alguns anos um espaço próximo a indústria Vicunha Textil, às margens da RN-107, estrada que dá sentido ao litoral norte do estado e outros municípios. Os muros traseiros dessa fábrica marcam uma distinta fronteira com o Jardim Progresso

<sup>15</sup> É a Companhia Nordeste de Gás, situado às margens da rodovia RN-160, e compõe o parque industrial de Natal. Dona Nena também “morou” próxima a essa indústria durante algum tempo.

<sup>16</sup> Foi Governador do estado do Rio Grande do Norte, pela legenda PMDB, na época das primeiras invasões maciças ao Jardim Progresso, sua primeira gestão foi de 1994 a 1998.

Aqui só é violento pra quem procura. É calmo demais. É muito silencioso. Por exemplo: se eu planto uma boa semente, eu colho uma fruta também boa. É o povo que diz que é violento. Aqui logo no início matavam logo 4 (quatro) ou 5(cinco) de uma vez, era terrível. Mas tem uma coisa: só acontecia com quem era envolvido com *coisa errada*. Hoje também, pois se envolveu na droga morreu. (**Dona de Casa, 39 anos, há 15 anos mora no bairro. Jardim Progresso**).

Analisando o trecho, vemos que diferente dos moradores do lado “novo” do loteamento, os moradores do lado esquerdo da Avenida Industrial não restringem a culpa da violência a locais específicos, e sim a grupos e indivíduos, justamente o que Baierl (2004) denomina de *demonização do outro*, ou seja, a figura do criminoso é impregnada na personificação de outra pessoa, mas jamais no *eu*. Nas considerações de Dona Nena os homicídios na região nada mais é do que um reflexo dos acertos de contas que subsistem ao mundo do ilícito, de quem mexe com “coisa errada”.

O resultado dessa isenção do crime é a amenização da tonalidade na linha da percepção da violência no bairro (*linha A*), ou seja, os moradores mais antigos estão suscetíveis às maiores sensibilidades no tempo, e percebem em um grau progressivo as transformações ocorridas no Jardim Progresso desde os seus tempos de chegada. Assim, a violência passa a ser relativizada devido a dois importantes aspectos: a) a violência sempre é comparada entre antes e depois a chegada no loteamento; b) a violência é inerente apenas a indivíduos ligados a atividades ilícitas.

Já *alinha B* representa o grau de percepção da violência pelos moradores mais novos, ou seja, os que residem entre 6 (seis) e um 1(um) ano no loteamento. Esse segmento mais novo de moradores, pelo padrão de entrevistas, mostrou uma maior tendência em ocupar a margem direita da avenida industrial, setor que se mostra em melhores condições no que se refere a sua estruturação urbana. Esses moradores chegaram ao Jardim Progresso sob outras conjunturas, já em períodos de transformações tanto em relação à infraestrutura como à composição do tecido socioeconômico. De acordo com Silva; Neto & Bastos (2004) o crescimento do loteamento vem se dando de modo rápido<sup>17</sup> e intenso devido a novos fatores que transformaram essa região do bairro como espaço atrativo, entre eles: o relativo aumento do preço do solo (relacionado com a escassez) na região, bem como “a

---

<sup>17</sup> Essa ocupação se dá também por vias irregulares, como casos de invasão e posse, inclusive em áreas destinadas à construção de equipamentos urbanos, como o posto de saúde da região, que é uma reivindicação antiga dos moradores.

possibilidade ventilada pelos políticos locais de se conseguir infraestrutura e equipamentos urbanos em um prazo relativamente curto.” (SILVA, NETO e BASTOS, 2004, p. 12)

Essas novas condições estruturais também trouxeram consigo uma segunda onda de ocupação da terra, que continua em franca expansão, mas sob uma nova roupagem. As pessoas que chegam ali já não estão inseridas no mesmo contexto de lutas e reivindicações pelo direito à moradia digna que Dona Nena passara, o que as fazem se despir de uma conotação comparativa do passado com o presente do bairro.

A possibilidade de comparação da violência atual com uma violência que se remete aos tempos das primeiras ocupações por esses moradores é inexistente, por isso a *gente nova* no bairro, que reside com mais frequência do lado direito da Avenida Industrial, sempre constrói uma percepção de que a violência é mais crescente, porém espacializada a outros setores, como o outro lado da avenida. O medo de ser vítima de qualquer ato violento é uma constante para esses moradores:

Por aqui não há violência. Violência é coisa daquele povo que mora daquele *outro lado ali*. Aqui não tem violência porque essa parte do Jardim Progresso é toda nova, muitas coisas foram construídas pouco tempo atrás. Aliás, tem muita gente nova morando por aqui, e é um povo mais civilizado, mais educado do que aqueles outros (**Pescadora, 55 anos, há 2 anos mora no bairro. Jardim Progresso**).

Observamos no depoimento da entrevistada que a variável do espaço predominou sobre o tempo de moradia no bairro. De acordo com as suas palavras, a violência é observada sob uma perspectiva espacial, e é exclusividade de outros territórios no seio do loteamento. A variável do tempo, se adotarmos a posição do depoimento, nesse caso se justifica pela sobreposição de uma nova camada social sobre a outra, pois os novos moradores seriam um dos fatores responsáveis por dar outros ares ao Jardim Progresso. Nesse sentido, a condição de “morador civilizado” é atribuída àquele que não tem quaisquer relações com a disseminação da violência local, e encontra no mundo do trabalho a sua condição de “homem de bem”. Vejamos que, nesse caso, a localização geográfica foi fundamental para a percepção da moradora, pois quando se refere aos moradores do “outro lado”, a entrevistada constitui em sua espacialização mental um ambiente bipolar, formado pela ambivalência entre lugar violento e não-civilizado *versus* um lado educado e não violento.

Uma segunda característica nos relatos captados pelos moradores dali é o caráter patrimonial o qual a violência ganha, sempre alicerçando o fenômeno a possibilidade de degradação a algum patrimônio, como pequenos furtos, roubos e assaltos na região.

Vemos como a categoria *trabalho* sempre permeia os discursos dos entrevistados, ou seja: o trabalho é condicionado a visão conservadora de que é responsável pela manutenção dos bons valores do indivíduo, e sem ele o homem torna-se vulnerável à violência. As distinções entre trabalhador e bandido seguem em todas as narrativas acerca da violência no local:

E é uma dificuldade tremenda pra ver se mudamos esse valor, por isso a gente entende que é cultural. Além da violência, existe problema de nos depararmos no dia a dia com pessoas na dependência, na ociosidade, adultos mesmo, e sabemos que isso é reflexo de uma sociedade injusta, tem pessoas que estão nessa dependência e que não se envolvem com a violência, mas é por falta de oportunidade, e não temos como fazer arcar com essas consequências sozinhos. Existe de sairmos nas ruas, e nos deparamos na esquina e encontrar adultos que estão sem fazer nada, e já estão se acomodando com isso. **(Educador, 38 anos, há 6 anos mora no bairro. Jardim Progresso)**

A desestruturação do mundo do trabalho se comporta como um processo cultural, que já está impregnado na rotina de seus moradores, em que a ociosidade torna-se cada vez mais uma espécie de valor. Notamos que a *esquina* ganha uma conotação simbólica repleta de negativismo, e assim torna-se um âmbito frequentado por desempregados, em suma é um espaço de socialização informal, no qual se constitui passo muito curto para inserção ao mundo do crime. Sendo assim, o espaço da esquina é vista com maus olhares, pois é concebida pelos “cidadãos de bem” como um âmbito que agrega péssimos valores a quem a frequentar, e diante disso poderíamos ver nessa interpretação subjetiva a visão que Willian Foote Whyte (2005) observou durante seus anos de estudos sobre Corneville, um bairro de formação italiana, no seio da cidade de Boston das décadas de 1930 e 1940. De acordo com Whyte (2005) muitos atribuíam a esquina o valor do espaço de interação das gangues juvenis da região, em especial as que tinham vínculo com a máfia, os jogos de azares e o comércio ilegal de bebidas. Porém, o autor foi muito mais além ao enxergar a esquina como um centro de reuniões

marginais, mas sim como um importante lugar de socialização urbana chegando a ser frequentado do que a própria casa do indivíduo.<sup>18</sup>

Dessa maneira, a concepção construída no Jardim Progresso é de que a mácula que a esquina está alicerçada diretamente à questão trabalhista, pois não muito esporádico as pessoas inseridas no âmbito na categoria de “trabalhadores pais de família” também frequentam a esquina para reforçarem os laços comunitários por meio das “fofocas” e dos “babados”<sup>19</sup> do dia, mas se diferenciam dos demais por estarem inseridos no mercado formal de trabalho.

O sentido de violência para os moradores do loteamento também ultrapassam as barreiras do que “seja moralmente aceito.” Além dos homicídios que ocorrem com maior frequência em comparação a outras localidades no bairro, o que dá sentido também a substanciação a ideia de “lugar perigoso” entre os próprios moradores é o sentimento de desagregação das políticas de Estado de capacidades de efetivação de direitos sociais. Na percepção da população local, a violência hedionda também é dependente de outros fatores, especialmente de ordem política:

Agora se o conselho comunitário tivesse o poder que um prefeito tem eu prometo a você que eu já teria feito melhoras nessa comunidade. Nós temos 31 mil moradores e 19.824 eleitores, e nós não temos uma unidade de saúde, a única escola que temos é o *Frazão*<sup>20</sup> e esta com Quatrocentos e oitenta e poucas crianças e não temos condições de receber mais nenhuma, e ai ficamos pedindo esmolas aos outros, e poder público só anda na nossa comunidade quando querem pedir o voto de cada um dos moradores. **(Representante Comunitário, 55 anos, há 6 anos reside no bairro. Jardim Progresso)**

Pautado no padrão apresentado pelas entrevistas realizadas com as lideranças comunitárias, nota-se que estes representantes se constituem como elo entre uma personalidade política e o restante da comunidade, e, em meio a essas lideranças, não era raro alguns serem assessores parlamentares (de vereadores do município), cabos eleitorais ou concorrentes ao pleito municipal de 2012, o que em parte pode ser explicado pelo sentimento negativo de abandono dos moradores do loteamento pelo ente público.

---

<sup>18</sup> A pesquisa de Willian Foote Whyte é considerada pioneira no que se refere à aplicação da metodologia da **observação participante**, pois como a sociologia urbana ainda dava passos gradativamente sólidos por meio da Escola de Chicago, não havia uma bibliografia considerável sobre a abordagem.

<sup>19</sup> Expressão utilizada, especialmente entre as mulheres, para designar as últimas novidades da comunidade.

<sup>20</sup> A Escola Municipal José Frazão, situada na Avenida Boa Sorte, é a principal que atende crianças de quase todo o bairro, daí são oriundos problemas de super lotação.



Entretanto, a busca incessante por oportunidades de representatividade política trás consigo um efeito reverso: essa trama de alianças políticas pode ser um fator de explicação para fragmentação dos associativismos políticos locais<sup>21</sup>, diminuindo expressivamente a capacidade de poder contestatório de seus moradores sob uma perspectiva centralizada e organizada, assim dando lugar ao que Santos (2008) conceitua de *movimentos reivindicatórios*, pois uma vez atendidas as suas necessidades pontuais, estes tendem a ser dissolvidos. Ainda para a autora esses movimentos reivindicatórios são frágeis, e acabam por embasar:

“políticas cooptadas de cunho demagógico ou populistas, e as reivindicações por direitos de cidadania são parcialmente atendidas, por padrões mínimos de consumo ou de serviços públicos, transformadas assim em uma cidadania de segundo plano” (SANTOS, 2008, p. 14).

Sendo assim é muito comum observar a presença de alianças políticas entre gestores, partidos e as lideranças comunitárias. Para alguns moradores essas alianças políticas são o único meio necessário para que se façam valer o acordo compactuado entre comunidade e a gestão pública, já para outros essas alianças representam um viés para a projeção política pessoal.<sup>22</sup>

Portanto, vemos como toda e qualquer questão no bairro é repleta de uma fragmentação e complexidade intensa, e nesse cerne de análise observamos o quanto a comunidade do Jardim Progresso está inserida em um processo de segregação interna e externa ao bairro, que por sua vez geram problemas indescritivelmente atroz, como preconceitos, estigmas e subsegregações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento em que a pesquisa constata que o bairro em estudo é bem descrito pelo arsenal analítico da categoria Nova Periferia, esse fator nos permite concluir que: a) de fato, um olhar micro (do território e das relações sociais) mostra que o bairro é muito diversificado e os moradores “repetem” os padrões de segregação para

---

<sup>21</sup> Associativismo aqui é esboçado pela “arte de procurar em comum o objeto de seus comuns desejos” (TOCQUEVILLE, 1998, p. 391).

<sup>22</sup> É muito comum representantes dos Conselhos Comunitários e das Associações de Bairro estarem filiados a legendas políticas, e alguns destes veem nas entidades comunitárias a possibilidade almejem o espaço político municipal por meio de trabalhos filantrópicos ou relações clientelistas com a comunidade.

o interior do bairro, corroborados por meio da ocupação estratégica do espaço; b) essas disparidades internas se constituem como um verdadeiro *motor* que alimenta, ou acirra, uma distinção entre os próprios moradores reforçando estigmas sociais existentes, que vem a construir processos negativos para a atuação de movimentos sociais locais, assim como também outras formas de ativismos.

## REFERÊNCIAS

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo Social: Da Violência Visível ao Invisível da Violência**. São Paulo: Cortez, 2004.

BARTH, Fredrik. 2000. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Contra a Corrente: Ensaio sobre a democracia e socialismo**. Cortez, 2000.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A Memória Oral no Mundo Contemporâneo**. Revista Estudos Avançados. Ano 19, n. 55, 2005.

SAINT-MARTIN, Monique de; ROCHA, Daniella de Castro; HEREDIA, Mariana. **Trocas intergeracionais e construção de fronteiras sociais na França**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, 2008.

SANTOS, Regina Bega dos. **Movimentos Sociais Urbanos**. São Paulo: UNESP, 2008

SILVA, Alexsandro Ferreira Cardoso. NETO, João Galvão; BASTOS, Nelma Sueli de. **Trajétoria de uma experiência: regularizações em natal antes e depois do estatuto da cidade**. In: 3º Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico, RECIFE – 04 a 06 de abril de 2004.

TILLY, Charles. **Identities, boundaries, and social ties**. Boulder/Londres, Paradigm Publishers: 2005.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**. 4 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 390 p.